



A SÁTIRA QUE COMBATE OS GASES: UMA EDIÇÃO CRÍTICA DA *EPISTOLA CARMINATIVA* DE LUIZ VICENTE DE SIMONI

THE SATIRE THAT FIGHTS GASES: A CRITICAL EDITION OF LUIZ
VICENTE DE SIMONI'S *EPISTOLA CARMINATIVA*

Fábio Paifer Cairolli*

* cairolli@yahoo.com.br
Doutor em Letras. IL/UFF (Niterói, RJ).

RESUMO: O presente artigo visa apresentar a edição crítica do poema latino *Epistola Carminativa*, de Luiz Vicente de Simoni, publicado em 1856 no *Correio Mercantil* e disponível também em dois autógrafos, bem como a transcrição de uma tradução poética da lavra do próprio autor, publicada no mesmo jornal. A edição dos textos segue as metodologias propostas por Spina (1994). Após a descrição do processo editorial, da apresentação crítica do texto reconstituído e do aparato, comentários serão tecidos a respeito do mérito literário do poema, bem como de sua relevância para a compreensão da atuação poética e tradutológica de seu autor, dando ênfase ao gênero, apropriação da antiguidade latina e implicações da autotradução.

PALAVRAS-CHAVE: Sátira; poesia neolatina; Luiz Vicente de Simoni; edição crítica; tradução.

ABSTRACT: This paper aims to present the critical edition of the Latin poem *Epistola Carminativa*, by Luiz Vicente de Simoni, published in 1856 in the *Correio Mercantil* and also available in two autographs, as well as the transcription of a poetic translation of the author's own work, published in the same newspaper. The editing of the texts follows the methodologies proposed by Spina (1994). After the description of the editorial process, the critical presentation of the reconstituted text and the apparatus, comments will be made regarding the literary merit of the poem, as well as its relevance to the understanding of the poetic and translational performance of its author, emphasizing the genre, appropriation of Latin antiquity and implications of self-translation.

KEYWORDS: Satire; neo-Latin poetry; Luiz Vicente de Simoni; critical edition; translation.

O presente artigo edita e traz à discussão um notável exemplo de poesia satírica produzida no Brasil oitocentista, a longa *Epistola Carminativa* de Luiz Vicente de Simoni, cujo interesse reside não apenas no belo e inusitado resultado poético em língua latina, mas também na maneira como o próprio autor decide traduzir a mesma para o português e pelo quanto ajuda a compreender a forma como o autor recebe e re-elabora o repertório clássico. Além disso, o poema é o ponto culminante de um inesperado debate que movimentou a intelectualidade fluminense que tinha interesse na língua latina e em seu ensino em meados do século XIX.

Luiz Vicente de Simoni foi um intelectual italiano que viveu praticamente toda a sua vida adulta no Rio de Janeiro, durante o Império. Nascido em Novi, próximo a Gênova, em 1792, migrou para o Brasil em 1817, pouco tempo depois de ter obtido seu diploma em medicina. Após uma estada de três anos em Moçambique, se estabelece definitivamente na capital fluminense em 1821, quando inicia sua atividade clínica, que desempenhará ao longo de toda a sua vida, até muito próximo de sua morte, quase nonagenário, em 1881. Além de sua relevância para o desenvolvimento da área da saúde no nascente país, foi homem de letras de muito volumosa produção, reconhecida pelos seus contemporâneos ainda que em sua

grande maioria tenha permanecido inédita. Sua projeção literária se dá com a publicação de *Gemidos poéticos sobre os túmulos* e o *Ramalhete poético do Parnaso Italiano*, de 1842 e 1843, respectivamente, obras que mesclam composições próprias e traduções dos grandes poetas da literatura italiana. Seu destaque como italianista o leva à posição de preceptor das filhas de D. Pedro II e logo à cadeira de Italiano do Colégio Pedro II, onde posteriormente desempenhará também a função de professor de Latim.

A despeito do reconhecimento que seu nome alcançou, quer como médico, quer como italianista, outros aspectos de sua atuação intelectual seguem praticamente desconhecidos. É o caso de sua produção poética própria e de sua atuação como tradutor da língua latina, que são os objetos da pesquisa em que este artigo está inserido. O texto que será aqui editado e comentado, a *Epistola Carminativa*, é central em sua produção, não apenas por ter sido um dos raros exemplos de poesia latina que o autor chegou a publicar em vida (e, tanto quanto pudemos aferir, o único exemplo de poesia satírica desse autor que chegou a ser impresso), mas porque subsiste associado à tradução poética para a língua portuguesa empreendida contemporaneamente pelo próprio autor, servindo de modelo para a compreensão tanto dos seus processos criativos quanto dos tradutórios.

O poema que apresentaremos integra uma grande controvérsia intelectual que ocupou a imprensa do Rio de Janeiro no ano de 1856, e teve como epicentro a figura de um outro estrangeiro, o jurista húngaro Carlos Kornis de Totvaraad (1820-1863). Este, tendo exercido as funções de lente na Universidade de Peste e desempenhado papéis proeminentes na frustrada revolução liberal de 1848, exilou-se por alguns anos nos Estados Unidos, de onde se transferiu ao Brasil, em 1854. Aqui, em delicada situação financeira e com pouquíssimo conhecimento da língua, começou a desempenhar a função de daguerreotipista. Ao mesmo tempo, buscou formas de se integrar à atividade jurídica e intelectual do país, tendo dado sua contribuição ao direito nacional com um livro sobre o casamento civil, um marco na história da discussão sobre a separação entre Estado e Igreja no Brasil.

A controvérsia a que nos referimos tem contornos literários. Nesse ano de 1856, o húngaro, que já vinha publicando na imprensa comentários jurídicos em latim, interpelou o latinista Castro Lopes (que viria a se tornar mais conhecido pelos neologismos com que pretendia limpar a língua portuguesa de estrangeirismos) a respeito de certas questões vocabulares do *Epitome Historiae Sacrae*, de Lhomond, que Lopes havia editado no Brasil. A interpelação foi publicada no *Correio Mercantil* de 1º de

agosto daquele ano e, se nota desde o início, é precipitada, já que Castro Lopes não é o autor do texto; ademais, pode conter aquela brusquidão do estrangeiro que não conhece a língua e os modos do país novo.

As semanas seguintes são de agitada discussão através das páginas do *Correio Mercantil*, com diversos intelectuais arrolando exemplos do acerto ou equívoco das afirmações que publicam, não sem algum nível de argumento *ad personam*. No ápice desse embate, em 7 de outubro, Luiz Vicente de Simoni faz publicar a *Epistola Carminativa*, 108 versos de deploração da conduta do jurista húngaro, seguidos, no dia 10 do mesmo mês, da publicação pelo italiano de sua própria tradução da epístola. O episódio, cujos documentos pretendemos publicar de forma mais exhaustiva brevemente, quase chegaram ao limiar da violência, mas resultaram em uma amizade honesta entre os estrangeiros, que durou até o fim da vida de Kornis. Este, em 1862, se retira do Brasil para morrer na terra natal no ano seguinte.

O poema foi descoberto por nós no início de nossa pesquisa com a obra de Luiz Vicente de Simoni, quando recenseamos a imprensa da época em busca de outras obras, além das que integram os três ou quatro volumes que publicou em vida, que pudessem ter visto circulação¹,

1. Deve ser referido aqui que, ao contrário do que acontece com os seus livros, libretos e textos em prosa, seus esparsos não receberam catalogação. Inocêncio Silva (1860, p. 337), por exemplo, diz deles apenas que: “*Tem ainda vários sonetos, poesias lyricas, fábulas, etc, escriptas em portuguez, italiano e latim; umas publicadas avulsamente, outras insertas em vários jornaes, já com declaração do seu nome, já anonymas.*” Já sobre seus manuscritos, cujo catálogo consta de nossa bibliografia, dá uma notícia um pouco mais extensa (1860, p. 339), ainda que não exhaustiva, mostrando saber, ainda na vida de Simoni, que o médico “*Conserva em seu poder numerosos escriptos originaes e traduzidos, tanto em prosa como em verso, relacionados em uma nota autographa, que me foi enviada. Entre elles avultam por mais notáveis: [...] as versões completas [...] das Eclogas de Virgílio, das Satyras de Pérsio, de algumas Odes e Epístolas de Horacio [...].*”

assim como de dados biográficos que pudessem auxiliar nossa investigação do acervo manuscrito do autor. Ao consultar o catálogo dos manuscritos do autor abrigados na Biblioteca Nacional (STASIO, 2002, pp. 262ss.), descobrimos que havia dois manuscritos autógrafos dentro da pasta catalogada como I-07,04,006, com as seguintes características:

A, autógrafo, redigido em folhas de papel almaço avulsas, quatro páginas numeradas. Quando de nossa consulta inicial ao documento, em outubro de 2019, as páginas se encontravam desordenadas, na sequência 1, 3, 4 e 2. É a redação inicial do poema, contendo as rasuras que indicam o processo criativo, bem como inserções de versos posteriores à redação primária, especificamente os versos 27-28 e 51-60. As notas ao texto, ainda incompletas, estão presentes no rodapé. Serve de suporte à interpretação do texto-base, que é

B, autógrafo, redigido em folhas de papel almaço avulsas, seis páginas numeradas. É a versão passada a limpo, com pequenas alterações acrescentadas durante ou após a transcrição pelo autor. Aqui, o autor começa por transcrever as notas no rodapé de cada folha, mas opta por transcrever e aumentar em duas folhas adicionais que são acrescentadas, sem numeração, ao final. Assim como se

verifica em A, em B todos os versos se iniciam com letra maiúscula, mesmo quando não coincidem com início de frase.

De B provavelmente deriva um manuscrito desconhecido (α), transcrição adicional que teria sido remetida à redação do *Correio Mercantil*, com alterações adicionais, a partir do qual se produziu a versão impressa:

merc, impresso, papel jornal. O texto do poema, bem como as notas do autor, são impressos na segunda página do jornal *Correio Mercantil*, em caracteres menores que o padrão editorial, de modo que os versos caibam, sem quebra de linhas, na parte final da primeira das sete colunas em que a página era dividida. O texto foi consultado em *facsimile* disponível no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>). Em que pese a conveniência da versão impressa, bem como as facilidades de visualização propiciadas pelo formato digital, depõem contra essa versão pequenos erros tipográficos e por vezes a criação de variantes, como, por exemplo, no verso 3, *cum*, onde **A** e **B** atestam *dum*, ou ainda, no mesmo verso *tollat*, onde **A** e **B** atestam *tollit*. A versão impressa também suprime a indicação das duas passagens virgilia nas à margem do texto.

Testemunho complementar, que transcreveremos na sequência do artigo, é a tradução do texto, publicada no *Correio Mercantil* de 10 de outubro de 1856. Esse documento, para o qual não encontramos tradição manuscrita, suporta a interpretação do latim. No verso três, acima citado, a conjunção utilizada pelo autor é *se*, que é tradução aceitável para *cum*, mas não para *dum*, e nos induz a acolher a variante de **merc** em lugar da lição manuscrita, já que pressupõe a intencionalidade da alteração, que seria expressa num hipotético manuscrito (**α**).

Examinadas as versões do texto, elegeu-se **B** como texto-base, visto que é a versão mais acabada dos manuscritos, recorrendo-se a **A** e a **merc** para confirmação de leitura. A observação da tradição forma um estema linear, no qual **B** descende de **A** e **merc** descende de **B**, com um possível (**α**) intermediário em que últimas alterações, como o *cum* citado acima, poderiam figurar. Este (**α**), portanto, é o texto que se pretende reconstituir. É importante indicar que a tradução para o português constitui um testemunho complementar valiosíssimo, pois em diversas passagens demonstra ter sido feita a partir de **B**, não de (**α**) ou de **merc**. Lições divergentes que não apresentem problemas gramaticais ou prosódicos foram definidas com o auxílio desse testemunho, ficando a variante anotada no aparato.

Nossa edição mantém o uso de *j* e *v*, segundo sistema ramista, dado que não faria sentido o uso da grafia reconstituída em um texto que, ao mesmo tempo, não procede da antiguidade clássica nem foi produzido após a introdução desse padrão de grafia. Contudo, optou-se pela separação dos ditongos contratos *ae* e *oe*, especialmente por facilitar o manejo e busca de textos em sistemas eletrônicos. Acrescentamos também, para conveniência da leitura, numeração lateral a cada cinco versos.

Interpretado e emendado, o texto reconstituído se apresenta da seguinte forma:

EPISTOLA CARMINATIVA (1)

Quel voler dare in Roma spettacolo del suo sapere, come trionfo, a me pare piuttosto vanità di principe, che atto di sapiente.

P. VIANI (*Pref. al Saggio sugli errori popolari degli antichi, di GIACOMO LEOPARDI*)

Cornua dum tollit minitatus vulnera taurus,

Cornua jam, Kornis, cornibus ipse vocat.

Cornua cum vero praeterea superbia tollat

Ah! potius risum stulta vocare solet.

Tu, in capite et latere, hesterno in certamine laesus, 5

Et nondum clauso vulneris ore malo,

Hoc resanare cito, et proprio medicamine, nolens Ad pugnam denuo me sociosque vocas? Euge!... Sed hic belli mutantur prorsus habendi Nunc genus atque modus! Primaque castra fugis! Quae tibi mutandi nunc alta est causa? Repone. Non pudet, hem, campum deseruisse metu? Aes tibi sed triplex est circa pectus, et ora; Tres adversarios provocat ira tua. <u>Torva mimalloneis implem jam cornua bombis:</u> (2) Et sonitu audito, Persius ipse tremit. - En, hic adsum qui sapio; in me convertite cuncti, Inquis, agone novo, arma adhibenda, viri. Non ea quae dixi, sed quae dicturus <u>aperto</u> Sum <u>capite</u> , est vobis sternere majus opus. Maximus hic ego sum cunctis in gentibus heros: Nec magis armorum quisquis habere potest. Ipsa Themis clypeum, galeam donavit et hastam, Ancipites gladios, spicula multa quoque, Arcus ab hungaricis detractur vulnere sylvis. En de humero pendet; plena pharetra simul. Hic Rationem queis ipsam transfigere possem Servo, et queis palmam quovis ab hoste feram. His ego terrificis instructus fortiter armis Nullum hominem timeo. <u>Tros, Rutulusque fuat.</u> (Virg, Aen, X, 108)	10 15 20 25 30	Fortis, utraque manu, capulo tenuis abdere possum Enses, quos duplos stringere Diva dedit. <u>Claudite jam riuos, pueri, sat docta biberunt</u> (Virg., Ecl. II, 111) Haec labia ex illis; vestraque, nulla puto. <u>Claudite jamque libros;</u> (semper nam mactor ab illis, Vera minus quoties scribere verba volo. Semper in adverso Cicero, et, cum Caesare, Flaccus Stant mihi: stantque Nepos, Livius atque Maro. (3) <u>Scripta manent,</u> scriptis possunt ubicumque refelli; <u>Verba volant,</u> verbis praelia nostra strepant.) Haud calamo et chartis in nostra certetur arena, Sed lingua et dictis; spectet et omne pecus. Cernat et agnoscat populus quis discere nostrum Sciverit in schola, quique minora sapit. Cernat et... - Inflato siste in pulmonem loquelam: Niteris incassum, strenuitate tua. Non sapere hic nostrum populo proferre juvabit: Ast operae est pretium vera aperire bona. Proderit an multa hic te, vel me scire loquentem, Docta vel a quovis, sed bene scripta dari? In scibili ast omni, nec non in agone loquaci Maximum et invictum te adaperire cupis. Vis, te admiratas, in circo dicere turbas Id quod de tauro, vel minitante fatur. <u>Kornis, ceu taurus strenuus tres ictibus hostes</u> <u>Stravit humi!</u> aut: <u>Ternos cuspide fixit homo!</u>	35 40 45 50 55
--	----------------------------	---	----------------------------

Inque baroco loqui, nec non in barbara rursum (4)
 Vis contententes, garruliente feros;
 Hocque in spectaculo succensam plaudere plebem,
 Ingenti strepitu, voce, manuque tibi.
 Hei! saeclo Pici (5) vana haec certamina linque;
 Aut cui Carneades cuncta probare quibat (6):
 Haec monachis, alter cum sit Nominalibus Occkam (7)
 Princeps, aut praesul, linque, ridenda sophis
 Non Rodomontanis opus est sermonibus istis,
 Vt te justifies, si bene cocta dabas:
 Nec opus est nugis: vacua est jactantia tanta
 Omnibus ut doctum te magis esse praebes.
 Tu bona scribe sanus, populoque haec trade legenda:
 Hoc tibi sufficiet; cetera vana cadent.
 Te doctum haud umquam renui, nemoque negabit:
 Teque hinc invito, debito honore colo (8).
 Attamen attende: an docti est dicere semper
 Optima? nec doctus fallitur omnis homo?
 Parce, tibi pauca haud multum me certa notasse,
 Nam male quae dicam plectere cuncta potes.
 Hoc tamen est propriis, calamoque notante, duellis
 Perficiendum, ira non acuate mala.
 Omnia, vel saltem quae sint graviora, refelli
 Debent, non pauca, aut quae leviora sonent.⁸⁰
 Proh! si verba volant, nulla et vestigia linqunt.
Scriptaque certa manent prospicienda diu;

Scribito, si quid habes quod scriptis opponere possis:
 Praela hoc cum nollet edere, mitte mihi.
 Multa haud scire puto: sed te intelligere posse 85
 Cum clare scribas, te dubitare nolim.
 Si me non capies tibi dicta explicare libenter,
 Praesto, cum velis, Carole, semper ero.
 Sed, ratione data, vellem te agnoscere verum.
 Nec contra justum cornicaveris adhuc. 90
 Cumque exempla dabit quisquam tibi maxima, cede.
 Erroremque tuum tunc fateare bonum est.
 Quae tibi dent alii, si non admittere curas;
 Quae dabis admitti quomodo posse putas?
 Sis sapiens primum, talem te credere cunctos 95
 Si vis, mi Doctor, nec tibi terga dari.
 Cum disceptabis, nulli des nomen agrytae;
 Hac voce indigna, nam fis agryta quoque.
 Nempe adversarium semper tractare decenter,
 In quacumque rerum, fit decus omne tuum; 100
 Quo nec honoreris certantem minime velis;
 Spernere quem posses non tibi splendor erit.
 Scribi tui semper, turpi ast non nomine digna.
 Indigna indigno linque loquenda viro.
 Hoc facito, et sapiens mihi nec non gentibus orbis, 105
 Atque charus cunctis et venerandus eris.
 Si feceris, multos veros numerabis amicos;
 Meque unum ex illis glorier esse. Vale.

Fluvii Ianuarii, VI Idus Septembris, anno MDCCCLVI
Dr. Ludovicus Vincentius De-Simoni

APPARATUS

3 *dum* A et B; *tollit* A et B || 7 *medicamiue* merc || 13 *pectus; et, ore*, A et B, pro *pectus et ora* merc || 23 *galeamque* B; A habet *longam iamque attulit hastam* || 26 *numero* merc; *atque plena* A || 27-28 *de-sunt in* A || 31 *mano* A || 32 *dabit* B || 42 *lingua sed et dictis* A || 44 *miuora* merc || 45 *videat* A || 51-60 extra ordine versorum est in A || 61 *saeculo* A et merc || 63 *quum* merc; *Occam* merc || 66 *dabis* B || 70 *caetera* B || 72 *colam* A et B || 73 *atamen* merc || 76 *dicam* merc; A habet *nam male si dixi, tu refutare potes* || 78 *non suadente loqui* pro *non aciente mala* habet A || 82 *Scripta manent oculis prospicienda diu* A et B || 84 *Hoc cum non uelint edere habent* A et B pro *Praela hoc cum nollet edere* merc || 86 *te dubitare nolim* A et B ubi *non verearis amem* merc || 87 *Si me non capies tibi dicta explicare libenter* A et B pro *Quae mea non capies tibi clara aperire libenter* || 88 *poscas* A et B || 97 *Cumque* merc || 98 *tu fis* merc || 101 *Haud de certantem quo non honoreris adibis* A et B || 102 *ipse honorere nequit* A et B ||

Transcrevemos, na sequência, como item separado, as notas do autor ao poema, para que melhor se possa apresentar seu processo criativo. **A**, além de ter sido, como apontamos acima, objeto de acréscimos e substituições que se consolidam no texto de **B**, tem muito menos notas

do que as versões subsequentes. Essas aparecem no rodapé das folhas e contemplam apenas as entradas (1) *Epistola carminativa*, (5) *Picus* e (7) *Occam*. Estas mesmas notas são transcritas nos rodapés de **B**, mas depois da assinatura do poema são passadas a limpo, aumentadas e acrescidas das demais explicações, para chegar ao total de oito que, com poucas diferenças, são as que encontramos em **merc**. Os procedimentos para sua edição são os mesmos que utilizamos para o corpo do poema.

(1) Carminativum dicitur id quod ad flatus expellendos adhibetur.

(2) Allusio ad notissimum Persii versum his verbis ad inflatos locutores et poetas irridendos confectum.

(3) Nil huc usque eximius Dr. Kornis asseruit, quod ab aliquo horum auctorum exemplo non refutetur. Hi omnes auctores itaque semper stant contra eum. Hinc ipse disputare vult libris clausis.

(4) Allusio ad varias syllogismorum formulas, quibus Dialectici in disputationibus utebantur, quasque quattuor barbaris versibus, ullo absque sensu compositis, iudicabant, in quibus baroco et barbara duo harum formularum erant.

(5) *Picus* iste non est ille Latinorum rex Saturni filius, Faunique pater a Circe, juxta fabulam, in avem picum mutatus, sed

celeberrimus ille Picus a Mirandula, qui in XV saeculo de omniscibili Romae disputabat. De eo loquebatur P. Viani in sententia sua huic Epistola praeposita.

(6) Carneades Graecus philosophus saeculi III ante Christum, tertiae Academiae fundator, in disputatione et dialectica tam habilis fuit, ut argumentatione sua cuncta, vel pro, vel contra, probare praetenderet. Ab Athenisensibus Romam missus, eloquentia, vel potius argumentatione tali in Senatu verbose peroravit, ut Catonis Censoris consilio, celeriter dimissus fuerit, ne argumentis et cavillationibus suis juventutem seduceret, et mores romanos corrumperet.

(7) Occam, seu Ockam princeps Nominalium, Anglus celeberrimi Scoti Joannis Duns discipulus, sic dictus ab oppido quo natus erat. In disputatione adeo insignis fuit, ut Doctor invincibilis nuncuparetur. Obiit anno 1347. Mirabilia ejus scholastica, theologica, et philosophica illius temporis nunc a sanis judiciis ridentur, et omnino despiciuntur. En ad qualem sapientiam provocationibus suis eximius Doctor Kornis nos perducere, seu potius retro ducere intendit ad philosophiam verbosam, disputantem et cavillatoriam; ad veteres circos dialecticos!!!

(8) Doctor noster non vult hominem aliquem, nec ipsum Deum coli posse aut debere, quia Deus et homines agri non sunt aut horti qui colamur: nullum enim cultum aut culturam cognoscit,

vel admittit extra illes qui manu et lingone fiunt. Sed nos invito eo debito honore eum colimus; ejus enim haud valde rectas opiniones oppugnantes, atque aliquoties ridentes, ipsius tamen doctrinam et quae in eo bona alia sunt, sincere aestimamus, ac veneramur; neque profecto cum eo scriptis contenderemus, nisi dignum adversarium cum nobis esse putaremus; error enim in doctis et sapientibus non ignorantiam sed humanam imperfectionem probat.

APPARATUS NOTARUM

(1) *Carminativa remedia ea sunt quae* A || (2) A deest; *Allusio ad Persii versum valde notum ad inflatos locutores et poetas irridendos hisce versis a Persio confectum.* B || (4) *in concionibus utebantur* B; *quatuor* B; *versarunt, in quibus barbare et baroco* B || (6) *Graeciae philosophus* B; *tertiae Academiae Atheniensis fundator* B; *dimissus sit* B || (7) *oppido ejusdem nominis* B || (8) *agri non sunt sed nos invito eo debito honore eum colimus; licet opiniones suis adversemur; quoniam auctores omnes classicos nobiscum sunt.* B ||

A tradução do poema e das notas, conforme publicadas apenas em **merc**, é apresentada na sequência. O texto apresentado já recebeu atualização ortográfica.

Ao exímio sr. dr. Carlos Kornis

EPISTOLA CARMINATIVA (1)

Esse querer dar em Roma espetáculo do seu saber, como triunfo,
a mim parece mais vaidade de príncipe que ato de sapiente.

P. VIANI (Prefação ao Ensaio sobre os erros populares dos
antigos de Jacob LEOPARDI.)

Quando levanta os cornos o touro a dar cornadas,
Cornos provoca, ó Kornis, dos cornos co' as alçadas,
Mas se levanta os cornos, cega soberba e oca,
Ah! ela antes o riso estólida provoca.

Tu, na cabeça e lado ferido ontem na luta,
Sem inda a má ferida estar fechada e exuta,
Sem que com bons remédios já de a sanares trates,
A mim de novo e aos sócios provocas a combates?
Bravo!... Mas desta guerra, que deve haver contigo,
Mudam-se o modo e a forma! deixas o campo antigo!
Desta mudança a grande causa qual é? Declara:
Largas, por medo, o velho campo, nem cora a cara?
Mas tríplice énea chapa te cinge o peito e a boca;
Três adversários juntos o teu furor provoca.

De mimalôneas bulhas torvos clarins enchendo (2)

Vais; e, em ouvir o estrondo, té Pérsio está tremendo.
- Eis, cá 'stou eu, que sábio sou; contra mim vós todos,

Dizes, voltaí às armas, lutando de outros modos.

Não o que tenho dito, mas minha nova berra,
De cara descoberta cumpre boteis por terra; 20

Primeiro eu sou de quantos heróis há neste mundo;
Que tantas armas tenha, não há, não há segundo.

Proveu-me a mesma Têmis, de elmo, de escudo e lança,
De espadas de dous gumes, de flechas com bastante.

Cá 'sta dos matos húngaros dum golpe despegado, 25
Com cheia aljava o arco no ombro pendurado;

Cá 'sta com que pudera, mesmo a razão, o embigo
Varar e obter vitória de qualquer outro imigo.

Destas terríveis armas, munido fortemente,
Seja troiana ou rútila, eu já não temo gente. 30

5 Com as mãos ambas, forte, posso meter dobradas
Pelo favor da Deusa, té o copo estas espadas.

Moços fechai os regos; meus doutos lábios deles
Bastante já beberam; os vossos são mui reles.

10 Fechai também os livros; (pois sou por eles morto 35
Sempre que em meus escritos eu falo um pouco torto.

Sempre me são contrários Cícero, César, Flaco;
Maro, Nipote e Lívio sempre me dão de taco. (3)

Escritos ficam; podem escritos lhes dar tombo: 40
Palavras voam; façam na guerra elas ribombo.)

15 Não com papel e pena na arena se combata;
Co' a língua sim, co' os ditos: quem quer veja a bravata.

Veja e conheça o povo quem aprender na escola

Soube; e quem meteu menos dentro da sua bola.
 Veja e... - No inchado bofe detém essa loquela.
 Embalde te afadigas com façanhosa goela.
 Não serve aqui que ao povo nosso saber mostremos;
 Mostrar-lhes boas cousas é só o que devemos.
 Útil será sabermos muito, quer tu, quer eu,
 Falando? ou bons escritos haver que alguém já deu?
 Mas tu mostrar pretendes, que em tudo o que há sabível,
 E em liças falatórios és máximo e invencível:
 Queres que o povo diga, no carro, a ouvir pasmado,
 O que se diz de um touro, ou de um capinha ousado:
Kornis, qual bravo touro, deitou três inimigos
No chão com os seus golpes! ou: furou três embigos!
 Queres que os contendores, fortes no galrar oco,
 Hoje de novo arguam em bárbara e baroco: (4)
 E que nesse espetáculo, com grande matinada,
 Te aplauda, com seus bravos, a chusma entusiasmada.
 Deixa de Pico (5) ao século tais lutas sem valia;
 Ou ao em que Carnéades (6) tudo provar podia.
 Aos frades ora deixa-as quando outro Occam (7) de novo,
 Aos Nominais presida, dos sábios rindo o povo.
 Aqui não são precisas essas rodomentadas
 Para justificar-te de cousas bem pensadas;
 Nem há mister de chanças, nem de bazófia tanta,
 Para provar que és douto em grão que te alevanta.
 Escreve cousas boas, com siso, e ao povo as mostra.

Basta-te isto; o resto é vão, e tudo o prostra. 70
 45 Nunca neguei que sejas douto; o não nega a gente;
 Contra teu mesmo aviso te honro devidamente. (8)
 Mas ouve: sempre o douto diz coisa soberana?
 E nenhum homem douto nunca jamais se engana?
 Uns ditos teus não certos perdoa-me haver notado; 75
 50 Pois refutar-me podes, se mal houver falado.
 Mas isto há de fazer-se com pena, em guerra aptada,
 Sem que a escrever incite maligna ira assanhada;
 Tudo há de refutar-se, ao menos o mais grave,
 E não só poucas cousas, e o menos insuave. 80
 55 Oh! Se palavras voam e nada fica delas,
 Se escritas sempre ficam, e os olhos podem vê-las;
 Escreve, em tendo cousa, que opor possas a escritos;
 Manda-ma, quando os prelos lhe fiquem interditos.
 Não creio saber muito, mas não quisera cresses 85
 60 Não entender eu as cousas, que claras escrevesses.
 Se não me entendes, pronto estou quando quiseres,
 Tudo a explicar-te, ó Carlos, quando de meu tu leres.
 Dada a razão, quisera que a verdade encarasses,
 Sem que mais contra o justo escornichar teimasses: 90
 65 E quando altos exemplos alguém te mostre, cede
 Que o erro teu conheças a conveniência pede.
 Os que te derem outros se admitir não quiseres,
 Como crês que admissíveis são os que tu deres?
 Primeiro sejas sábio, se tal queres por todos 95

Ser julgado e que as costas te não deem de maus modos.
 Quando disputes nunca charlatão a alguém chames;
 Pois charlatão te tornas com tais ditos infames;
 Porque teu adversário tratar honradamente
 Em toda e qualquer cousa é para ti decente. 100
 Tu contendor não queiras o qual não possa honrar-te,
 Quem desprezar pudesses, honra não pode dar-te.
 De ti cousas escreve, não de vil nome dignas,
 Deixa ao homem indigno falar cousas indignas.
 Faze isto e então sábio para mim, para o mundo 105
 Serás, e venerável, e a todos mui jucundo.
 Muitos serão, fazendo-o, os bons amigos teus;
 De ser eu mesmo um deles me ufanarei. Adeus.

Dr. Luiz Vicente De-Simoni

Rio de Janeiro, em 8 de setembro de 1856.

(1) Carminativo chama-se ao que se emprega para expelir os flatos.

(2) Alusão ao mui conhecido verso de Pérsio composto com estas palavras para meter a ridículo os faladores e poetas empolados.

(3) Nada até agora o exímio Dr. Kornis tem asseverado que não seja refutado por algum exemplo destes autores. Estes autores,

portanto, sempre estão contra ele. De aí ele querer disputar de livros fechados.

(4) Alusão às várias fórmulas de silogismos, das quais se serviam os Dialéticos nas disputações, e que eles indicavam em quatro versos bárbaros compostos sem sentido algum, e nos quais bárbara e baroco eram duas das ditas fórmulas.

(5) Este Pico não é o rei dos Latinos, filho de Saturno, pai de Fauno, transformado por Circe em picanço, segundo a fábula, mas sim o celeberrimo Pico della Mirandola, que no XV século disputava em Roma sobre tudo o que há de sabível. Dele falava P. Viani no seu sentencioso trecho que serve de epígrafe a esta epístola.

(6) Carneades, filósofo grego do século III antes de Cristo, fundador da terceira academia, foi tão hábil na disputação e na dialética que, com a sua argumentação, pretendia provar tudo, quer pró, quer contra. Mandado pelos atenienses a Roma, orou com tanta eloquência, ou antes com uma argumentação verbosa tal no senado, que por conselho de Catão, o Censor, foi prontamente despedido, para que com os seus argumentos e capciosos sofismas não seduzisse a mocidade, e não corrompesse os costumes romanos.

(7) Occam, ou Ockam, chefe dos Nominais, inglês, discípulo do afamado Scoto, ou Escocês João Duns, assim chamado da vila

em que nascera. Foi na disputação tão insigne que o chamavam o doutor invencível. Faleceu em 1347. As suas cousas admiráveis escolásticas, teológicas e filosóficas daquele tempo, agora são pelos juízos são ridicularizadas e totalmente desprezadas. Eis a que sabedoria nos quer levar, ou antes fazer-nos retrogradar o exímio Sr. Dr. Kornis com os seus desafios; a filosofia palavrosa contenciosa e chicaneira; aos antigos circos dialéticos!!

(8) O nosso doutor não quer que homem algum, nem mesmo Deus, possa ou deva receber culto algum ou cultura porque Deus e os homens não são campos nem hortos, que se cultivem: pois ele não conhece ou admite culto ou cultura alguma fora os que se fazem com a mão e com a enxada. Mas nós, contra seu mesmo aviso e vontade, o acatamos com o culto e veneração que lhe é devida; pois combatendo as suas opiniões menos direitas e algumas vezes rindo-nos delas, estimamos e veneramos contudo a sua doutrina e o mais que nele há de bom; e certamente com ele não contenderíamos se o não reputássemos adversário de nós digno; pois o erro nos doutos e sábios não é prova de ignorância, mas de imperfeição humana.

DISCUSSÃO

A observação do poema latino e das notas testemunha a existência de um manuscrito (α) intermediário que, por um lado, não apresentaria os erros tipográficos da versão impressa, e, por outro, conteria alterações relevantes que

não estão presentes em **B** e que dizem respeito a problemas métricos e sintáticos que não estariam na alçada de redatores e tipógrafos do jornal alterar.

Do primeiro tipo é o caso, por exemplo, de *medicamiue* no verso 7, em lugar de *medicamine*, erro curioso que provavelmente se deve ao posicionamento tipográfico invertido do caractere *n*. Igualmente, no verso 61, há uma hipercorreção de *saeclo* (século, era, tempo), forma popular, mas atestada na antiguidade (por exemplo, em Catulo 1 e em muitos lugares de Lucrécio), e que é atestada em **B**, pela grafia formal, *saeculo*, que, embora mais normativa, não cabe no metro do verso, indicando uma possível intervenção de um revisor versado em latim, mas não sensível ao aspecto poético do texto como o próprio autor.²

Entre **B** e **merc** são resolvidas questões gramaticais suficientemente complexas para não serem meros procedimentos de tipografia. É o caso do verso 84, *Praela hoc cum nollet edere, mitte mihi*, que apresenta uma lição diferente da que se lê nos manuscritos **A** e **B**. Provavelmente o autor fez a mudança de última hora, ao se dar conta que sua versão continha, em lugar da forma contraída e aceita *nollet* (não queira), a forma analítica da expressão, *non uelint*, que é incomum no latim clássico. Igualmente,

2. O verso em questão, escandido, teria a seguinte distribuição:
Heī saē/-clō Pī/-cī || vā/-na_haēc
cēr/-tāmīnă / līnquē;
Saēcūlō, portanto, embora seja a grafia mais acurada, como contém uma sílaba breve entre duas longas, não se encaixa em nenhuma distribuição possível dos pés dáctilos, que precisam conter dois pés breves na sequência de um longo.

a ortografia *caetera*, no verso 70, foi lapso do autor na redação de **B**.

Problemas prosódicos também foram notados após a redação de **B** e corrigidos em **merc**. O mais notável é o que se encontra nos versos 101 e 102: na redação que é apresentada em ambos os manuscritos, o autor trata como sílaba breve o *-no-* do verbo *honōrō*, que é longo. Para resolver o problema prosódico, De Simoni opera diversas alterações no texto, que, entre outras coisas, eliminam esse verbo do verso 102.

O vocabulário que o autor utiliza é consistente com o repertório do latim clássico verificado em seus autores, notadamente em Virgílio e Pérsio, inclusive, como vimos nos versos 61 e 84, com a adoção de desvios da norma culta apenas quando seu uso pode ser atestado no *corpus* de autores que chegaram ao nosso tempo, o que se estende até mesmo as interjeições que ele se permite incluir no texto. Merece especial atenção a inclusão de terminologia médica no corpo do poema, quer pelo testemunho do repertório técnico do autor, que era um dos principais médicos da cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX, quer pela importante relação que, desde a antiguidade, se faz entre a cura provida pela medicina e a correção de costumes que se atribui à poesia satírica.

A proximidade já é explorada desde o título, já que o adjetivo *carminativus* é termo médico, como diz o próprio autor nas notas, e qualifica o medicamento que ajuda a repelir os gases. O autor explorará, portanto, e levará ao ridículo, a associação entre os gases, resultado de problemas do trato digestório, e os fumos, ou ares, a bolha, ou qualquer outra metáfora gasosa para o comportamento de quem é pretensioso.

Ainda sobre a seleção lexical, importa notar que o autor, engenhosamente, e na esteira do que fazem os poetas satíricos em que se espelha, mais de uma vez recorre à assimilação de versos integrais, como no verso 15, que é de Pérsio (I, 99), o 30 (*En*, X, 108) ou 33 (*Ecl.* III, 111), ambos de Virgílio. No caso de Pérsio, o próprio autor aponta, no corpo do poema, que é empréstimo; outras vezes, a indicação vem como paratexto, ao lado do verso, adicionada pelo próprio autor nos manuscritos e suprimida da versão impressa. O verso I, 99, de Pérsio, é ainda mais notável porque, já no poeta latino, é verso tomado de um autor, ora desconhecido, que está sendo apontado como exemplo da má poesia na Roma de seu tempo. É representativo também referir aqui o uso que o autor faz do provérbio *uerba uolant; scripta manent*. (As palavras voam; escritas, permanecem): em 39-40, desdobra a sentença em duas, direcionando-as à sua argumentação,

já que é a permanência da escrita dos autores clássicos que desabona os argumentos do adversário; já em 81-82, amarrando os argumentos e sugerindo que a escrita é o caminho para um debate salutar, já que se oporá em pé de igualdade com outros textos.

O poema, surgido no seio da polêmica entre latinistas levada à imprensa por Kornis e rapidamente descambada para uma mera altercação *ad personam*, acusa a reiterada disposição do intelectual húngaro a reacender a contenda (v. 8: “*Ad pugnam denuo me sociosque uocas*”), mesmo que, na opinião do autor, aquele estivesse sozinho em sua posição e vencido em seus argumentos (v. 5: “*Tu, in capite et latere, hesterno in certamine laesus*”). A soberba (v. 3: *superbia*) é tema classicamente apropriado para o poema satírico, e ela será enfrentada de duas formas: primeiramente, pela equiparação do adversário à figura do touro, a quem, uma vez incitado o combate, importa unicamente derrubar os adversários (v. 55), explorando inclusive a aproximação sonora entre o nome do adversário, Kornis, e os cornos, arma do touro; em seguida, pela demonstração do ridículo da postura do adversário: assim a imagem inicial (vv. 1-4) do touro que incita outros touros com seus cornos, enquanto a soberba, com seus cornos só excita riso, será a medida do texto. A primeira parte do poema (vv. 1-45) se ocupará da construção

dessa ridícula figura taurina, recorrendo, para isso, a um irônico discurso em primeira pessoa no qual o húngaro defenderia seu ponto de vista, armado pela própria Têmis (v. 23), ainda quando seu ponto de vista seja uma noção de língua latina contrária ao que se observa nos principais autores (vv. 37-38). Os modos equivocados de Kornis serão o pretexto para que, na segunda parte (vv. 46-104), Simoni exponha o modo pelo qual um debate deve ser conduzido para que seja útil aos contendores e à comunidade, que tem necessidade de uma atitude sadia da parte dos seus sábios, senão não colherá frutos úteis de seu conhecimento. Uma pequena peroração de tom conciliatório encerra o poema (vv. 105-108)

O tom do texto é digno de nota. Embora comece de forma um tanto agressiva e desqualificadora, o poema de Simoni tem, como já dissemos, uma postura conciliadora: o autor demonstra interesse pelo conhecimento do oponente (v. 84) e termina por almejar a própria amizade dele (v. 108). É, portanto, desafiador qualificar o gênero que o poeta pratica, seu afeto real e sua finalidade. Se por um lado, o grotesco, o corte de cenas e o caráter reformativo do poema o aproximem dos modelos satíricos da poesia latina, aos quais Simoni é tão familiar³, a estrutura métrica de que se vale Simoni é o dístico elegíaco, verso

3. Stasio (2002) arrola, na coleção de manuscritos do autor abrigada na Biblioteca Nacional, uma grande quantidade de traduções e materiais didáticos relacionados aos poetas satíricos romanos, em sua maioria inéditos. Temos trabalhado na edição desse acervo, tendo publicado recentemente um manuscrito com trecho de tradução de Juvenal (CAIROLI, 2020).

mais associado a um afeto lamentoso do que à indignação na literatura latina.

Há uma exceção importante a essa regra, contudo: trata-se do *Íbis*, de Ovídio, poema em dísticos elegíacos em que o poeta, seguindo a tradição de Calímaco, confronta um adversário que será por ora mantido no anonimato, a quem este primeiro poema serve apenas como advertência: caso o adversário, nomeado Íbis, não se retrate, aí sim o poeta partirá para um ataque direto, em versos jâmbicos, difamando abertamente o opositor (Ov., *Ib.*, 44-56). É um exemplo único nas letras latinas, e a escolha inusitada do metro por Simoni parece estimular uma aproximação de texto.

O viés satírico do poema, contudo, é realçado pela tradução. Como dissemos acima, na apresentação do texto, o próprio Simoni publica a tradução em versos poucos dias depois da publicação do original. Em se tratando de uma autotradução, em certos momentos esclarece as intenções que não se resolvem apenas no original. Aqui, interessa particularmente o fato de que Simoni escolhe um metro pouco usual em sua produção (e, em termos gerais, nas próprias letras brasileiras) e ainda pouco conhecido, o alexandrino.

O alexandrino que Simoni pratica, contudo, difere um pouco da forma que adquiriu mais frequência no Brasil, composta por dois hemistíquios de seis versos divididos por cesura, o primeiro dos quais obrigatoriamente deve acabar em oxítone ou elidir uma paroxítone com o hemistíquio seguinte, produzindo a sinalefa. Antes, ele segue a tradição da poesia espanhola, na qual o *alejandrino* é um verso assinarteto, isto é, composto de duas partes que poderiam ser tomadas por versos independentes, dois hexassílabos no caso, que se unem no ponto em que ocorre a cesura. A sinalefa, ou elisão de um hemistíquio ao outro, não é permitida. Dessa forma, cada hemistíquio poderá ter seis, sete ou até oito sílabas, dependendo da tonicidade se sua última palavra, que deve cair na sexta sílaba poética do hemistíquio — a forma mais habitual desse verso terá dois hemistíquios terminados em palavra paroxítone, com sete sílabas, portanto. A título de exemplo, veja-se a contagem na tradução que Simoni faz de seu próprio poema (vv. 3-4):

1	2	3	4	5	6	7	/	1	2	3	4	5	6	7	
Mas	se	le	-van	ta	os	cor	-nos,	/ce	-ga	so	-ber	-ba	e	o	-ca
Ah!	el	-a	an	-tes	o	ri	-so	/es	-tó	-li	-da	pro	-vo	-ca	

Veja-se que cada hemistíquio poderia ser tomado por um hexassílabo independente e, no verso quatro, a elisão

dos termos ‘riso’ e ‘estólida’, que soaria natural, é impedida pela cesura, mantendo-se assim a regularidade de cada parte do verso.

Em que pese o caráter inusitado também dessa escolha, é relevante notar que o italiano não é o importador dessa forma para a versificação portuguesa. Pelo contrário, ele tem um antecedente importante cujo reconhecimento é significativo para a discussão que apresentamos.

Manoel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814) foi um dos principais poetas da virada do século XVIII para o XIX. Sua produção foi em grande medida perdida, vítima que foi das perseguições à atividade intelectual em consequência da Inconfidência Mineira, tendo o pouco de sua obra que sobreviveu sido finalmente organizado em 1864. Sua vocação satírica é conhecida desde a juventude, quando publica o *Desertor*, poema heroico-cômico em que invectiva a vida acadêmica de Coimbra, em 1774. Entre os textos que sobreviveram, há três compostos nesse mesmo metro, as *Epistolas* ao rei D. José e a Basílio da Gama, e a sátira *Os vícios*, publicada n’*O Patriota*, nº 4, de abril de 1813:

A sátira grosseira por qual caminho novo
Deixou os feios crimes, com que assustava o povo?
Baco enrolando a parra nos tempos da vindima,

De fezes tinto o rosto, ditou obscena rima:
Viu Téspis menos torpes os sátiros violentos
E da trágica cena lançou os fundamentos:
Da plebe iníqua e rude já com melhor destino
A sátira passou para o país latino,
Quando o feroz Lucílio c’o braço levantado
Feriu grande e pequeno cum azorrague ervado:
Tão grande liberdade foi logo reprimida,
E, sendo mais honesta, não foi menos temida,
O espelho, que não mente, mostra Horácio,
Fez Pérsio e Juvenal tremer depois o Lácio.

O poema, programático, arrola toda a tradição satírica antes de começar a sua própria invectiva e é, para todos os efeitos, praticamente o único exemplo até então disponível do gênero em língua portuguesa, em que tradicionalmente se maquia a invectiva por baixo do sapiencial gênero epistolográfico. Não por acaso o próprio texto que estamos discutindo se denomina epístola.

Elegia, sátira, epístola, o poema de Simoni se situa numa fronteira curiosa já antes explorada por outros autores, como o já citado Ovídio. Optamos, como já se nota no título deste trabalho, em tratá-lo como poema satírico. Os critérios para essa decisão, partindo do específico para o geral, são os seguintes: (a) o metro satírico

da tradução, que evidencia a natureza da matéria; (b) a invectiva direta e pessoal que a *persona* poética dirige ao destinatário do texto; (c) a forte associação do autor ao gênero satírico. Com efeito, seu acervo manuscrito inclui um bom número de versos satíricos próprios e de traduções de poetas satíricos latinos e italianos. Entre elas, destacamos uma tradução integral de Pérsio, ainda inédita, que estamos editando no momento, e um fragmento de tradução de Juvenal, cuja edição acabamos de publicar (CAIROLI, 2020); finalmente, (d) a equivalência entre sátira (gênero do afeto da *persona*) e epístola, gênero declarado no título do poema. A correlação entre os gêneros é datável da própria antiguidade clássica, documentada ao menos desde Porfírio, para a leitura das obras de Horácio. Diz este gramático, na abertura dos comentários às *Epístolas* de Horácio, que “*Flacci epistularum libri titulo tantum dissimiles a sermonum sunt. Nam et metrum et materia uerborum et communis adsumptio eadem est.*” (PORPHYRIO, 1874, p. 268; em tradução nossa: “*Os livros de Epístolas de Horácio somente pelo título são diferentes dos de Sátiras. De fato, tanto o metro quanto o teor das palavras e a circunstância comum são os mesmos*”).

À GUIA DE CONCLUSÃO

O poema cuja edição apresentamos neste artigo, embora tenha tido apenas a breve notoriedade que a vida

fugaz do jornalismo permite à imensa maioria de seus textos, merece ser reabilitado e tratado como um dos textos mais interessantes e representativos do período em que foi composto. Isso por vários motivos.

Primeiramente, pelo mérito intrínseco do texto: estamos diante de um poeta de grande fôlego, digno de constar em nossa tradição satírica vernácula e novilatina, assim como de retomar sua relevância entre os classicistas e tradutores do seu tempo. Em seguida, pela originalidade de sua abordagem, em uma tradição relativamente pobre e cerceada em nossa língua. Mais adiante, pelo testemunho notável que o texto nos dá de recepção da poesia clássica e dos estudos de língua latina no Rio de Janeiro imperial e, finalmente, por estarmos diante de um precioso exemplo em nossa literatura de um poeta dedicado à autotradução. Este, do nosso ponto de vista, parece ser um bônus em nosso texto. Simoni, intelectual cuja relevância ainda está por ser discutida em toda a sua extensão, é mais reconhecido atualmente por sua atividade tradutória: além da volumosa e inédita tradução de poetas latinos, ocupa o prestigioso lugar de introdutor da poesia italiana no Brasil, com suas traduções da poesia nessa língua desde Dante até Foscolo.

A autotradução é um lugar privilegiado para a observação dos movimentos de tomada de posição do sujeito, quer do criador em uma língua primária, quer da transposição pelo mesmo sujeito a outras línguas. Não será demais supor que o distanciamento entre a criação do texto e sua tradução (mesmo que aqui seja verossimilmente pequena, já que o poema em latim e em português são datados de 8 de setembro, mas foram publicados em 7 e 10 de outubro, respectivamente) testemunhe uma mudança nas motivações do indivíduo. Particularmente significativa foi a transposição dos elementos estéticos do texto, de um metro lamentoso e amplamente praticado na em latim para um raro metro satírico em português. Algo de rebuscado pode ser entendido no plano intencional, e isso se casaria perfeitamente com os objetivos do poema e o contexto em que ele circula. Deixamos apenas mencionado aqui, já que a análise desse aspecto mereceria um estudo em separado de um *corpus* mais extenso, que a língua em que Simoni se expressa na maior parte de sua vida (o português) não é sua língua materna e, além disso, foi aprendida depois da língua em que o poema foi primeiro composto (o latim), que também não é sua língua materna – assumimos aqui que o desenvolvimento criativo testemunhado nos manuscritos latinos também atesta sua antecedência em relação ao poema em português ou, na melhor das hipóteses, que

a versão em português tenha surgido concomitantemente ao estabelecimento da versão latina, mas nunca antes.

Dissemos antes que autor e destinatário do poema acabaram por se tornar bons amigos, e ambos ainda enveredariam, em caminhos diversos, no ensino de latim. Uma interessante seleta de poemas e cartas, publicadas na imprensa ou ainda inéditas, é testemunho dessa relação. Em breve traremos novos textos desse contexto à luz.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. C. de L. Medicina em versos no Rio de Janeiro oitocentista: os escritos de Luís Vicente de Simoni. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 267-282, jul-dez 2013. Disponível em: https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1112 Acesso em: 12 fev. 2019

ALVARENGA, M. I. da S., **Obras poéticas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1864.

CAIROLI, F. P. Uma tradução oitocentista inédita da décima sátira de Juvenal. **Conexão Letras**. Porto Alegre. v. 15, no 24, jul-dez 2020. p. 159-171.

CARMO, R. C. **Difficile est saturam bene vertere: os desafios da tradução poética e uma versão brasileira das sátiras de Juvenal**. 2018. 292 f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

HEISE, P. F. **A introdução de Dante no Brasil: o “Ramalhete poético do Parnaso Italiano”, de Luiz Vicente de Simoni**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

MELLO, G. C. C. Os movimentos discursivos do sujeito-tradutor. in: PAGANINE, C. G.; HANES, V. **Tradução e criação: entrelaçamentos**. Campinas: Pontes, 2019.

NEDER, G. Idéias Jurídicas e Direitos Cíveis de Imigrantes no Segundo Reinado. in: **Anais do XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos**. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM. republicado em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210414_95b793521e20bacd48d2e282a42eacf1.pdf Acesso em: 12 fev. 2019.

PORPHYRION. **Pomponii Porphyrii Commentarii in Q. Horatium Flaccum**. Recensuit Gulielmus Meyer. Lipsiae: Teubner, 1874.

SILVA, I. **Dicionário Bibliográfico Português**. Tomo V. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.

SPINA, S. **Introdução a edótica: crítica textual**. São Paulo: Ars Poetica; Edusp, 1994.

STASIO, Angela di. Coleções de Manuscritos literários no acervo da Biblioteca Nacional. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. v. 122, 2002, p. 59-290.

TOTVÁRAAD, C. K. de. **O Casamento Civil; ou O Direito do poder temporal em negócios de casamentos**. Discussão jurídico-histórico-theológica, 2 volumes, Rio de Janeiro: Laemmert, 1858.

Recebido em: 10-05-2021.

Aceito em: 19-08-2021.